

mento, em memória de Konrad Adenauer. José Maria Lopez-Navarro, representante da NATO, que será orador na sessão de amanhã dedicada ao reforço da NATO, presidida pelo nosso Embaixador na NATO, Luís de Almeida Sampaio, pela nossa amiga da Heritage Foundation, Bridgett Wagner e pelo Senhor Deputado Júlio Miranda Calha, Presidente do Conselho Português do Atlântico. Charles Powell, director do Real Instituto Elcano de Madrid, que na quarta-feira presidirá ao Adolfo Suarez Memorial Debate. Danilo Petranovich, director do Abigail Adams Institute, de Cambridge, Massachusetts, que amanhã à tarde presidirá ao painel sobre *Tocqueville's Enduring Lessons of Liberty*. Last but certainly not least, a Câmara Municipal de Cascais e o seu Presidente, Dr. Carlos Carreiras, que nos tem amavelmente apoiado desde 2011.

Gostaria agora de terminar com algumas palavras em inglês, especialmente dirigidas

aos nossos convidados estrangeiros.

On behalf of the Institute for Political Studies of the Catholic University of Portugal, I would like to thank you all for coming to this 25th edition of the Estoril Political Forum.

This is a kind of club of friends of liberty that has grown over the years. It was not made by a central decision, or a central command. It has grown. It has evolved gradually through the free interaction and cooperation of free and decentralised people and institutions that have felt at home and have enjoyed these annual meetings.

Some of our Portuguese colleagues, from other Universities, are sometimes surprised by the success of this unplanned evolution of what has become a great institution of friends of liberty. However, whenever they join us and visit us at the Estoril Political Forum, they, too, are tou-

ched by the atmosphere of orderly liberty which we celebrate in these meetings. This charm of liberty was immortalised by one of our heroes, Alexis de Tocqueville, whom I would like to quote in his own language:

“Je ne crois pas non plus que le véritable amour de la liberté soit jamais né de la seule vue des biens matériels qu'elle procure; car cette vue vient souvent à s'obscurcir. [...]”

Ce qui, dans tous les temps, lui a attaché si fortement le cœur de certains hommes, ce sont ses attraits mêmes, son charme propre, indépendant de ses bienfaits; c'est le plaisir de pouvoir parler, agir, respirer sans contrainte, sous le seul gouvernement de Dieu et des lois. Qui cherche dans la liberté autre chose qu'elle-même est fait pour servir.”

Muito obrigada. ■

O Enfraquecimento do Ocidente?

A Situação Política em França no contexto da situação na Europa e nos EUA

A questão perante esta mesa redonda é se podemos ou não constatar que um enfraquecimento do Ocidente está a decorrer. Eu gostaria de alterar a questão e perguntar: o que estará realmente a enfraquecer? Será que é a fé na liberdade sob a lei? Ou será outra coisa?

TRADUÇÃO: **Ana Martins**

Há dez anos, fui convidada para participar no Political Forum pela primeira vez e apresentei um paper pro-europeísta bastante inflamado sobre “O Futuro da Constituição Europeia com base nas Eleições Presidenciais Francesas de Maio de 2007” (Nicolas Sarkozy acabara de



POR
Catherine Marshall

Professora, Sciences-Po Saint-Germain-en-Laye, Université de Cergy-Pontoise

ser eleito). A maioria dos membros do painel eram eurocéticos assumidos e acolheram, de forma entretida, o meu discurso com graciosidade. Dez anos mais tarde, no meio de outra Eleição Presidencial, regresso, talvez não mais sábia, mas certamente mais velha, e mais interessada do que nunca em entender a situação política de França no contexto da Europa e dos EUA. Nos últimos dez anos não houve tempo para absorver o que tem

acontecido, desde a crise financeira global às consequências de longo prazo do que aconteceu após o 11 de Setembro. O Political Forum é o momento do ano em que todos podemos pausar e reflectir no que significa defender “a tradição ocidental da liberdade sob a lei”.

A questão perante esta mesa redonda é se podemos ou não constatar que um enfraquecimento do Ocidente está a decorrer. Eu gostaria de alterar a questão e perguntar: o que estará realmente a enfraquecer? Será que é a fé na liberdade sob a lei? Ou será outra coisa? Abordarei este problema com as três ideias que se seguem: primeiro, a desunião aberta do Ocidente no que respeita àquilo que representamos e, de seguida, o nosso fracasso comum em defender com mais firmeza os valores da liberdade sob a lei e, finalmente, se as eleições Presidenciais e Legislativas francesas podem ajudar-nos a ver se é possível pensar sobre política de novas formas.

A DESUNIÃO ABERTA DO OCIDENTE

O voto a favor da saída da Grã Bretanha há um ano, conjuntamente com a eleição de Donald Trump em Novembro passado, têm tido o efeito de tornar eminentemente claro que, primeiro, a União Europeia chegou a um beco sem saída, sendo incapaz de convencer a maioria dos povos da Europa do seu projecto teórico idealista e, segundo, que uns EUA isolacionistas, focados primeiramente na América, afectam-nos na Europa, deixando um vácuo difícil de preencher no bloco ocidental.

Isto tornou-se bastante evidente, há um mês, na cimeira da OTAN em Bruxelas, quando Donald Trump decidiu deixar claro que alguns países (a Alemanha e a França, essencialmente) não estavam a pagar a sua parte da conta da OTAN. O ar de choque e estupefacção estampado na cara de alguns líderes perante tal descaramento, mostrou que não estava tudo bem na família do “Ocidente”. Do ponto de vista diplomático, tal opinião deveria ser discutida à porta fechada, independentemente de Trump estar certo em querer que os países da OTAN contribuam com as suas partes. A recusa de Trump em proceder de modo tradicional, sendo abertamente impetuoso, tem sido uma desagradável chamada à realidade que demonstra que o que damos por garantido, a unidade do Ocidente, poderá essencialmente ser muito facilmente abalada. A desunião aberta perante o mundo, acerca do que são essencialmente as contribuições financeiras para a nossa defesa comum, poderá levar-nos a esquecer os fundamentos bem mais importantes que nos têm ligado. Como

numa família, atravessar um divórcio (com o Brexit), ao mesmo tempo que o velho pai atravessa a sua crise de meia-idade (com Donald Trump), o que está a acontecer tem o potencial de nos fazer perder de vista aquilo que, afinal de contas, nos tornou uma família: o respeito pelas ideias do Iluminismo, por sua vez profundamente inspiradas pelas dos ingleses revolucionários do século XVII, sociedades governadas pelo Estado de Direito, pluralismo, igualdade entre homens e mulheres e, talvez mais do que qualquer outra coisa, por um certo tipo de civismo que nos permite viver em conjunto de modo liberal.

Aquilo que o Brexit e a eleição de Donald Trump tornaram impossível de ignorar é que o nosso tronco comum está a ceder à pressão da globalização e das forças anti-democráticas. A desunião no Ocidente, e uma certa complacência em relação ao que temos estão certamente a enfraquecer-nos. O problema central com a globalização é que tem destruído as linhas directas de prestação de contas. E era a possibilidade de responsabilização que gerava confiança. Hoje em dia, se levarmos em conta o exemplo único de França, a responsabilidade de Emmanuel Macron está diluída: no que respeita à questão do ambiente, ele poderá querer mudar as coisas e poderá dizê-lo muito claramente e em bastante bom inglês, mas não tem o poder para encontrar uma solução sozinho, muito menos quando os EUA decidiram sair do Acordo de Paris. A responsabilidade de Macron está dividida entre os seus próprios desejos, os da UE, que ele tem de considerar, conjuntamente com todas as organizações mundiais ligadas a tal questão. Num cenário globalizado, o poder não é sem compromisso e partilha. Essencialmente, já ninguém é directamente responsabilizável à medida que o poder tem sido diluído, mas políticos como Emmanuel Macron serão considerados responsáveis quando chegar a altura de serem reeleitos. Assim sendo, ou os políticos reconhecem que são muito menos poderosos do que antes ou talvez o eleitorado deva baixar as suas expectativas.

No entanto, o que o Brexit veio demonstrar é que a soberania tem importância, porque a dispersão global do poder, no que concerne à autoridade que liga os povos aos governos está a debilitar as nossas políticas nacionais. Para as democracias funcionarem, os políticos eleitos têm de ser o repositório directo da responsabilidade, sob pena da democracia falhar. No fundo, é disto que se tratou o Brexit – claro que a imigração e a crise económica também fizeram parte do

pacote – tratou-se de dar um enorme pontapé metafórico à atitude auto-indulgente da oligarquia burocrática europeia, convicta de que sabe o que está a fazer, desconfiada do povo. Sobre se isto terá o efeito de abanar a UE da sua zona de conforto, veremos, mas o Brexit é outro sintoma de desunião. Quando um membro da família prefere divorciar-se, então é a família inteira que tem de olhar bem para si própria.

Querer recuperar a própria soberania, ou preferir o isolacionismo (no caso do Presidente Trump), são sinais de derrota no debate, o mesmo que tornou a tradição ocidental liberal tão especial. De Tocqueville a John Stuart Mill, todos os grandes pensadores do séc. XIX insistiram na importância de debates sistemáticos, longos e árduos para resolver assuntos políticos através do compromisso, chegando o mais perto possível da verdade. Afinal de contas, o que é a política senão precisamente o momento em que, não conseguindo resolver um problema por nós próprios, juntamo-nos para encontrar uma solução comum? É isto que nos tem ensinado a tolerância e a aceitação de posições pluralistas. Tendemos a esquecer-nos que a apreciação deste tipo de liberdade é uma educação, adquirida ao longo de séculos de discussão nas nossas sociedades ocidentais, ainda diariamente em formação. Não há nada natural acerca da nossa liberdade. Perguntem aos sírios sob Assad se preferem liberdade ou segurança, pois eles certamente escolherão a última. As nossas democracias liberais servem-nos porque têm correspondência com o nosso passado e o nosso modo de vida – é aliás por isso que não podem ser impostas a outros.

A desunião do Ocidente constitui uma resignação política a uma escala global ocidental. Os brexiteers e os seguidores de Trump querem alcançar algo melhor – e ninguém os deve censurar – mas ao abandonar o nosso navio ocidental para se meterem nos seus barcos salva-vidas em direcção ao que crêem ser paragens melhores, reforçam a nossa incapacidade comum de partilhar responsabilidade perante cada um, de encontrar um meio-termo para um melhor futuro em conjunto, e concentrado no que é a nossa herança comum: liberdade sob o primado da lei.

ESQUECER O QUE SIGNIFICA “LIBERDADE SOB A LEI”

O que queremos, então, dizer com esta expressão? Fundamentalmente, que partilhámos uma tradição política comum de liberdade

individual, liberdade de expressão e amor à cultura para nos elevar, protegidos pelo estado de direito. Claro que isto não quer dizer que o Reino Unido e os EUA querem abandonar esta tradição mas, ao quererem seguir o seu caminho sozinhos, estão a ignorar que a dispersão das nossas forças em tempos particularmente difíceis está a colocar em perigo o cerne daquilo que representamos. Os nossos valores comuns, fundados num longo passado, são algo que todos damos por adquirido no Ocidente. É visto como elitista ou romântico voltar aos nossos textos fundamentais, mas o trabalho dos Pais Fundadores nos EUA ou a Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão em França, não vieram do nada (para não falar da Magna Carta). Esses documentos foram escritos por quem lutou pelas instituições e direitos que iriam permitir que as pessoas tomassem conta do seu próprio governo. Aqueles que acreditaram, e muitas vezes defenderam com as suas vidas, que a liberdade sob o primado da lei é a melhor possibilidade dada ao homem, no nosso contexto ocidental, para cultivar e desenvolver a melhor versão de si próprio. É claro que as democracias liberais não são perfeitas e são apenas ajustadas a um tipo particular de pessoas, num certo contexto, mas oferecem-nos, no Ocidente, a melhor possibilidade de ter uma palavra a dizer sobre o modo como somos governados. Estou bem ciente que este é o país onde nasci e da protecção que me dá – também enquanto mulher – que me permite falar e até pensar desta forma. Não corro risco algum ao afirmar o óbvio, mas fazê-lo levar-me-ia a ser presa em muitos países do mundo.

É isto que me faz perceber o quão frágeis são os valores do Ocidente. É o nosso fracasso comum em não querer defender colectivamente os nossos valores democráticos, que é a nossa fraqueza. As ameaças totalitárias do passado eram fáceis de enfrentar quando comparadas às que encaramos hoje, que são simultaneamente díspares e longe de evidentes. A falta de compreensão manifestada na cimeira da OTAN, e no G7, foi decerto observada por Vladimir Putin e outros líderes antidemocratas com particular satisfação. Quanto mais o Presidente Trump repete “América Primeiro” e quanto mais o Reino Unido repete que o Brexit é a oportunidade para a Grã-Bretanha controlar o próprio destino, mais sobressai uma mensagem de desconfiança entre amigos. Claro que o Reino Unido tem o direito de se divorciar, e o Presidente Trump também pode ofender abertamente os seus aliados e amigos, mas somos muito mais fortes quan-

do juntos, menos proteccionistas e menos autocentrados. Quem melhor poderá fazer as perguntas desconfortáveis e embaraçosas que temos de encarar em conjunto, do que um grupo unido de pessoas que pensam do mesmo modo? Quem poderá chamar líderes à responsabilidade quanto ao que prometem senão um outro conjunto de líderes semelhantes? Que o projecto da UE é fraco não é novidade, mas sobre assuntos como a crise da migração, a crise da zona euro, o problema do aquecimento global, as dificuldades com a Síria, a Rússia ou a Coreia do Norte e, claro, a enorme ameaça colocada pelo terrorismo islâmico, não podemos dar-nos ao luxo de



A desunião no Ocidente, e uma certa complacência em relação ao que temos estado certamente a enfraquecer-nos

debi-litar aquilo que defendemos.

Neste sentido, mais do que qualquer outro, o Brexit representa uma importante perda para a UE e para a capacidade única que os ingleses tinham de agitar os seus vizinhos continentais ao colocar-lhes perguntas desconfortáveis; ao declarar vezes sem conta que a UE estava a ir pelo caminho errado com o federalismo e que a Europa é constituída, acima de tudo, por uma diversidade de nações democráticas. Podiam fazê-lo porque são suficientemente fortes e respeitados. Independentemente das suas ideias, os improváveis sermões de Nigel Farage forçaram o Parlamento Europeu a aceitar opiniões outras que não as já consensuais; a ir além da mera cortesia tolerante, pronunciando-se de modo a resolver diferenças através de debate. A principal vitória de Farage foi demonstrar que a Europa não estava a ouvir, que não queria entrar num debate democrático, menosprezando abertamente os muitos que expressavam as suas dúvidas acerca da direcção do projecto europeu. Têm-me

dito, repetidamente, em França, que o Brexit nos livrou de boa do velho Albion. Diria, no entanto, que só é produtivo o debate político quando há tensão e um adversário difícil a competir ao mesmo nível. O que é mais preocupante com o Presidente Trump é que parece não haver desejo de debate de todo, mas apenas grandes gestos, apertos de mão firmes, uma retórica de 140 caracteres e a política do instintos acima daquilo que nos une no Ocidente.

No entanto, há um lado bom no meio disto tudo: Do Brexit à eleição de Trump, temos testemunhado o quão bem as nossas instituições ocidentais se têm aguentado na tempestade. O sistema de freios e contrapesos que os Pais Fundadores criaram para o sistema político dos EUA estão a funcionar e a chamar o novo Presidente à responsabilidade; do mesmo modo, o sistema inglês funcionou bastante bem após o voto sobre a saída britânica em Junho de 2016 e segue em frente, com um governo minoritário criado depois dos resultados da Eleição Geral de 8 de Junho. Há uma capacidade extraordinária das instituições ocidentais em aceitar decisões democráticas que fariam o edifício do estado desabar noutros países. Mas as nossas tradições políticas são as da democracia liberal, que não se pode dar ao luxo de se desunir quando se depara com mudanças. As mudanças a que me refiro estão no interior das nossas democracias: dizem respeito às mudanças na relação entre o Estado e as pessoas. Não podemos fazer nada acerca da globalização, mas podemos fazer alguma coisa acerca da forma como fazemos política a um nível nacional. É aqui que a eleição Presidencial e as eleições legislativas francesas têm sido consideravelmente surpreendentes.

AS LIÇÕES DAS ELEIÇÕES PRESIDENCIAIS E LEGISLATIVAS FRANCESAS

A eleição Presidencial francesa trouxe um líder jovem para o poder, que tinha acabado de fundar o seu novo movimento “En Marche” com o desejo quixótico de trazer um novo despertar à vida política. Muitos têm dito que Macron é um produto do sistema francês, um banqueiro que tinha sido ministro debaixo de François Hollande, estando apenas a fazer nova política a partir de barro velho. No entanto, o que Emmanuel Macron alcançou em França, pense-se o que se pensar dele, é nada menos do que extraordinário. Ele chegou ao poder sem partido, num país dominado por partidos, com apenas algumas pessoas a apoiarem-no, em menos de um ano. O seu programa

baseado no seu livro, intitulado “Revolução” – o que mais, em França, poderá perguntar-se? – tinha “Reconciliando a França” como subtítulo. Através da sua vontade de moralizar a vida pública, de defender o pluralismo e de renovar a vida política democrática abrindo a política a novatos, ele comprometeu-se a dar nova vida a uma França velha, cansada e nacionalista.

Emmanuel Macron não teve uma vitória esmagadora (66.10% do voto, 21 milhões de votos); nem podemos ignorar os mais de 10 milhões de pessoas que votaram em Marine Le Pen (o dobro do resultado do seu pai em 2002), mas o estilo e desejos dele trouxeram sem dúvida algo de novo para a vida política francesa. O seu objectivo de dar à política um sentido de propósito em direcção a um projecto colectivo de renovar a vida política tem intensificado o período de lua de mel próprio de qualquer eleição Presidencial. Os resultados da eleição legislativa francesa revelam que os candidatos deste movimento, rebaptizado de La République en Marche já alcançaram o objectivo de transformar as formas tradicionais da política francesa. Mais de 50.3% dos candidatos são mulheres, e mais novas (em média com 47 anos); dentro de 524 candidatos, 281 nunca tiveram mandatos; são principalmente professores, engenheiros, advogados ou de profissões relacionadas com a saúde mas também bombeiros, agricultores ou consultores; um em cada dois tem educação superior e 80% deles usam o Twitter.

Uma coisa foi particularmente curiosa no seu primeiro discurso na noite em que venceu, quando declarou: “Somos os herdeiros de uma grande história e da grande mensagem humanista enviada ao mundo inteiro. Temos de transmitir esta História e esta mensagem, em primeiro lugar aos nossos filhos mas, ainda mais importante, devemos transportá-los para o futuro e dar-lhes novo vigor”. Deixando a óbvia mensagem, lírica e à francesa, de parte, fiquei impressionada com o desejo de renovar, com o passado e o dever que tivemos de encontrar um novo ideal colectivo enquanto nação. Claramente é isto que todo e qualquer político acabado de eleger diz quando tenta dar esperança, mas foi a “grande mensagem humanista enviada ao mundo inteiro” que foi mais impressionante. Um cínico detectaria logo a arrogância francesa, mas a mensagem tem mais que se lhe diga: tratou-se de um apelo urgente a não se menosprezar o que nos constituiu colectivamente, a ter orgulho em servir o Estado e não desprezar a política ou



Tendemos a esquecer-nos que a apreciação deste tipo de liberdade é uma educação, adquirida ao longo de séculos de discussão nas nossas sociedades ocidentais, ainda diariamente em formação

desesperar por causa dela. Revigorar a vida democrática nacional é apenas possível se nos lembrarmos daquilo que inicialmente fez de nós uma nação e Emmanuel Macron está a tentar encontrar um equilíbrio entre quem puxa para o lado do populismo e quem quer impor um governo dos especialistas.

É urgente que o que Emmanuel Macron tenha em mente para a França corra bem porque, senão, os 10 milhões de pessoas que votaram em Marine Le Pen lá estarão para o lembrar dos seus erros. O seu plano é também tentar reformar a UE com “um novo projecto para a Europa” baseado em convenções democráticas que terão lugar em cada um dos 27 países, para relegitimar a UE e para ver o que poderá ser feito para sair de um projecto federalista. Mais uma vez, se ele será ou não capaz de fazer o que pretende está por ver mas, inegavelmente, há uma recusa de cinismo em política que é uma novidade em si. Se Emmanuel Macron for bem sucedido em devolver à política o respeito de todos os franceses que nela perderam a fé, não se dando nem ao trabalho de votar, isto já será uma revolução em si.

CONCLUSÃO

Para concluir, talvez o aspecto mais intrincado do projecto de Emmanuel Macron seja o facto de ser frequentemente acusado de liberalismo. Em França, isto significa que está focado no liberalismo de mercado e é uma descrição geralmente depreciativa. O seu desejo de forçar legislação na Assembleia Francesa para reformar leis laborais tende a revelar que é para aí que ele está verdadeiramente inclinado. Todavia, ele também se quer focar na educação, no ambiente e especialmente na moralização da vida política em larga escala, o que leva a uma tensão no seu projecto. Ele frequentemente refere-se ao que a França deve ao Iluminismo, mas não é só Rousseau que ele menciona – não se trata da ideia da vontade geral. Ele inclui Montesquieu, uma concepção bem mais Anglo-liberal de política que o leva a propor um destino colectivo baseado na responsabilidade individual, na tolerância e no exercício prático da liberdade, muito mais do que reivindicações teóricas da mesma. Macron está a tentar resolver a tensão nos diferentes tipos de democracia liberal que têm ido naturalmente na direcção de colocar a Liberdade em primeiro lugar, como a Grã-Bretanha, ou na dos que, como França, escolheram pôr a Igualdade primeiro. Ao procurar o equilíbrio no meio desta grande tensão – liberdade e igualdade, que têm fins diferentes – ele está a levar a França na direcção de algo pouco francês.

Na verdade, há uma pequena voz cínica em mim que já viu esta história: o novo líder carismático com um ponto de vista político messiânico e pragmático lembra muito bem Tony Blair em 1997. Vinte anos depois, já não tenho idade para acreditar em milagres mas, ainda assim há uma outra voz, que quer ser encantada de novo com a política que diz “porque não?”. Pergunto-me o que direi de mim própria daqui a dez anos, caso seja convidada para o Political Forum de novo mas, para bem de todos nós, espero que o projecto democrático do Ocidente se reinvente ao nível nacional para nos trazer todos a bom porto a nível internacional. ■

NOTAS

1 Macron, Emmanuel, *Révolution. Réconcilier la France*, Paris, Pocket, 2017, 256 páginas.

2 « Qui sont les candidats de la République en marche ? », *Le Monde*, 8 Junho 2017, p. 10.

3 « Nous avons des devoirs envers notre pays, nous sommes les héritiers d'une grande Histoire et du grand message humaniste adressé au monde. Cette histoire et ce message, nous devons les transmettre d'abord à nos enfants, mais plus important encore, il nous faut les porter vers l'avenir et leur donner une sève nouvelle ». Emmanuel Macron, *Révolution. Réconcilier la France*, op.cit., p. 8.

4 Ibid., p. 232.